



RNA

MENSAGEIRO

EDIÇÃO Nº3 - NOVEMBRO DE 2010

HOMOFOBIA NA UNIVERSIDADE: ATÉ QUANDO?

Olá biólogos e futuros biólogos. Já estamos na reta final do semestre e esse mês está recheado de eventos importantes, entretanto, o que nos chamou a atenção recentemente foi a agressão física e verbal, de cunho homofóbico, a um estudante do IB, o que motivou nossa manifestação enquanto entidade representativa. Nesta edição, reproduzimos o relato do estudante e a nossa moção de repúdio. Além dessa movimentação, é importante também interar-se sobre as eleições que acontecerão em breve, que elegerão a nova chapa do CA, do DCE e novos cargos para a Representação Discente. Confira também os informes sobre outros eventos agendados para novembro. Essa edição também conta com um texto que reflete sobre a nossa formação como biólogo e um esclarecimento sobre a que pé está a discutida reforma do espaço do CA. Como tem ocorrido bem desde agosto, pudemos contar com as contribuições dos estudantes. Portanto, informem-se, divirtam-se e participem!

Gestão Velha Roupas Coloridas
2009-2010



ÍNDICE

Informes do CA.....	02 e 03
Seção Debates: Formação.....	04 e 05
Homofobia na Universidade.....	06 e 07
Espaço Nosso - Ciclofaixas.....	08
Espaço Nosso - Fotografia.....	09
Espaço Nosso - Arte na Bio.....	10
E.N - A Evolução descartou Deus?.....	11
Momento Lúdico e Bastidores.....	12

Informes do CA

Festa "Na Bio Pode"

Em protesto ao episódio de Homofobia envolvendo um aluno da Bio (leia relato na pg.6), as entidades da Bio se uniram para promover uma festa temática na sexta dia 5/11: "Na Bio Pode". Durante a semana, o CA estará aberto para quem quiser participar da confecção dos cartazes e faixas que serão usados na decoração.

Ato-Debate no Central

Aproveitando o Dia de Finados, o ato pretende lembrar a comunidade usiana de que o Brasil é o 1º no ranking mundial de mortes por homofobia. O evento vai debater também casos de agressão na usp (como o da pg. 6), e exigir a aprovação do PLC 122/2006, que criminaliza a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Quinta dia 4/11, 11h-14h e 17h30-19h45, no Bandeirão Central.

Bixorgia

A tradicional festa dos Bixos será na sexta, dia 12/11, com o tema "Me encontre no Inferno". Os bixos já estão se mobilizando para escolher músicas, acessórios, decoração e até uns artefatos lúdicos... espere e verá!

Eleições na Bio

No finzinho do mês de Novembro, acontecerá a maratona de eleições na Bio. Como de costume, chapas para Representantes Discentes, Centro Acadêmico e Diretório Central dos Estudantes da USP apresentarão suas propostas e cartas-programas para as gestões do próximo ano aos estudantes de nosso curso e ver quem tomará para si a responsabilidade de organizar o Movimento Estudantil em todos os seus aspectos. Esperamos que a essa altura do campeonato, vocês já saibam a importância dessas entidades (leiam os outros RNAm, ou pelo menos conversem com outras pessoas, caso ainda não saibam).

Mobilizem-se! As eleições são feitas por chapa. Caso queiram montar uma chapa para o DCE (sugerimos participação de alunos entre as unidades), existe um regimento eleitoral aprovado no último Conselho de Centros Acadêmicos (CCA), leiam o site do DCE para maiores informações. Para disputar as eleições do Centro Acadêmico, nosso estatuto não mais

prevê número mínimo de pessoas por chapa, então reúna-se com as pessoas que pensam como você para montar um planejamento para o próximo ano, levantando atividades acadêmicas, culturais e políticas, de acordo com o ideal do grupo.

A disputa das cadeiras de RD e seus suplentes (cargos de sempre: cada um dos departamentos, Comissão de Graduação, Comissão Organizadora do Curso [geralmente cuida mais das questões que envolvem licenciatura], Comissão da Biblioteca, Comissão de Cultura e Extensão, Comissão de Gerenciamento do Centro Didático, Comissão de gerenciamento da Matinha, Conselho Técnico Administrativo, Comissão de Pesquisa, Comissão da Pós-Graduação, Comissão Coordenadora dos Cursos de Pós Graduação de cada departamento, e por fim, as três cadeiras na Congregação, duas para a graduação e uma para a pós). À exceção da Congregação, todos os outros colegiados permitem que dois alunos formem uma chapa, um como titular e outro como suplente.

Mas... como fazer para se inscrever? Excetuando-se às chapas do DCE, que tem um procedimento levemente diferente, as chapas devem se inscrever junto à Comissão Eleitoral, que será eleita dia 4/11, tanto para CA

quanto para RDs. Na inscrição deverão constar o nome da chapa (para RDs isso não é necessário), nome completo dos alunos, comprovante de matrícula válida para o semestre corrente e cópia de um documento com foto, além de assinatura comprovando que você está voluntariamente participando desta chapa (que burocrático! Pois é, mas é assim que tem que ser. Um dia as pessoas aprendem a respeitar a burocracia).

É importante que todos e todas se mobilizem, mesmo que não formando chapas ou participando ativamente daquelas que outros alunos organizam, para minimamente saber o que acontece dentro (e fora) do instituto, saber quais são as ideias dessas organizações, e questionar se é isso mesmo o que você, estudante, entende como melhor para a sua formação e para o seu curso. Aproveite que se está discutindo política nacional em botecos e ônibus para discutir também política que age mais próximo de você, sua própria escola!



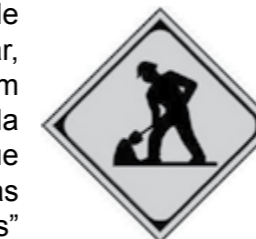
Caleidoscópio

O CA pretende realizar, no último final de semana de novembro (27/11), mais uma edição do Caleidoscópio. Trata-se de um momento de descontração e socialização entre os alunos, mas ao mesmo tempo de aprendizado. Isso porque a idéia do evento é fazer um encontro de oficinas, onde cada um leva ao encontro algo que sabe fazer e que pode ensinar aos outros. Enquanto você se diverte ensinando às outras pessoas aquilo que sabe, pode aproveitar para aprender com elas tudo o que elas tiverem para ensinar. Em edições anteriores, tivemos oficinas de flauta doce, malabares, capoeira, pulseirinhas, filtro dos sonhos, estampagem de camisetas e outras mais. Fica, então, o convite àqueles que quiserem participar. Contatem alguém do CA e pergunte por maiores informações e até lá!

Corebio

No último feriado, de 9 a 12 de Outubro, aconteceu na UFSCar de São Carlos o Conselho Regional de Entidades de Base de Biologia do Sudeste (para simplificar, COREBio). Na ocasião se encontram Centros Acadêmicos das escolas da região para debaterem as diretrizes que norteiam o andamento das escolas chamadas "Articulações Regionais" (que são 3 por aqui, UFFluminense, UFViosa e ESALQ-Piracicaba), além de fazer a construção coletiva do próximo Encontro Regional de Estudantes de Biologia- Sudeste (EREB-SE). Discutiu-se no COREBio, entre muitas outras coisas, sobre como as escolas poderiam melhorar sua comunicação, não só dos CA's mas também entre os estudantes e as escolas. Os dois últimos dias do encontro foram dedicados à construção coletiva, onde as escolas manifestavam suas opiniões especialmente acerca da sua análise de qual deveria ser o caráter do encontro, e que a partir dessas linhas, a Comissão Organizadora (UFSCar- Sorocaba para 2011) deveria pensar os espaços.

Pelas discussões tomadas, o EREB-SE 2011 será bastante atrativo para as pessoas que nunca pensaram se envolver com o Movimento Estudantil, tratando de um tema especialmente relacionado aos biólogos, a Sustentabilidade. As escolas que se encontraram (inclusive nós) voltaram do encontro bastante entusiasmadas



com a possibilidade de o Encontro ser muito bom, possibilitando realmente o diálogo com pessoas que não estão acostumadas com discussões, e se sintam parte de algo mais abrangente do que apenas os muros da Universidade que as cerca. Nesse sentido, procurem com a Diretoria do CA maiores informações, como a proposta de Sorocaba para o encontro, participe das discussões que antecedem- no e, principalmente, procure participar do próximo encontro! É um momento de formação muito importante, especialmente se você acredita que a Universidade também deve formar cidadãos críticos.

Reforma no CA

Dessa vez, mais próxima do que nunca, a reforma do espaço do Centro Acadêmico já pode ser vislumbrada num horizonte não muito distante. Precisamos agora discutir o Termo de Permissão de Uso, um documento que dirige as responsabilidades de cada uma das Entidades: o CA e a Diretoria, programadas para o espaço reformado. São cláusulas necessárias ao uso por uma entidade privada (o CA) num espaço público (a USP). O Documento se encontra na sala do CA, e estamos contatando um advogado que nos ajudará a compreender melhor todos os detalhes do texto e, chamaremos assembleias para discutirmos, todos juntos, antes de poder assinar (lembrando que foi exatamente esse documento que deu problema em gestões anteriores). Passado isso, deveremos nos reunir de novo para discutir o contrato com a eventual empresa que efetuará a reforma, novamente averiguando se os nossos interesses estarão contemplados. São esses os principais pontos ainda pendentes do nosso lado para que possamos ter um espaço novo para todos aproveitarmos. Nesse sentido, é importantíssimo que todos tomem ciência do que está ocorrendo. Quem quiser ler o Termo, procure alguém do CA.

Bateria

A Unidos do Matão volta à ativa na quinta que vem, dia 11/11. Ensaio na escada do atalho da Rua do Matão, (para não atrapalhar as aulas) das 17h30 às 19h30, (para que integral e noturno possam participar). Não precisa saber tocar nada, nada mesmo.

Seção Debates: Que formação

O debate sobre a nossa formação inicial como biólogos e as nossas perspectivas profissionais é recorrente em nossos círculos de amizade, em salas e laboratórios do IB. Tendo isso em vista, o CABIO junto à Comissão de Cultura e Extensão Universitária organizaram no Dia do Biólogo (03/09) a mesa-redonda "Formei-me biólogo: e agora? Alternativas para o profissional".

A discussão contou com cinco nomes. Edison Kubo, diretor do Conselho Regional de Biologia (CRBio) iniciou fornecendo noções da extensão e do papel do CRBio e listando diversas áreas de atuação para o biólogo, salientando a importância do Conselho. Em seguida, Ricardo Tsukamoto, da Bioconsult - Consultora em Biociências Avançadas, dividiu o campo de atuação do biólogo em três ramos principais (ensino, sociedade e academia) e destacou a aplicabilidade do conhecimento gerado em empresas. Logo após, Cristina Knapp, da Environ Arquipélago, contou sua experiência na iniciativa privada e reforçou a importância dos estágios em empresas. Ainda, Gilberto Martho, professor e autor de livros didáticos, pautou sua apresentação na motivação pela prática docente. Por fim, João Morgante, professor do IB, apresentou sua análise sobre o papel dos biólogos na academia.

De todos os tópicos de discussão que poderiam ser tratados aqui, o que nos motivou a escrever esse texto foi a polarização criada ao longo do debate que rotulamos, de modo estereotipado, como "empresa é um conhecimento aplicado à sociedade; academia é a pureza da biologia".

Ricardo Tsukamoto classificou sua formação de biólogo na USP como alienação, considerando apenas válida sua imersão no mercado de trabalho após o terceiro pós-doc. Disse que na academia sentia apenas uma

contemplação, algo completamente fora da realidade. Na empresa (que ele agrupou, junto com as ONGs, no ramo da "sociedade", o que é estranho para nós: academia e ensino não são sociedade também?!), ele teria tido um conhecimento mais aplicado. Além disso, criticou a ausência de uma disciplina de Administração no nosso curso. Já o professor João Morgante e o diretor Edison Kubo apresentaram uma resposta de defesa da academia. João Morgante disse que não existem poetas na

academia. Consideramos a resposta positiva, uma vez que a empresa de Tsukamoto, assim como o conhecimento que ele desenvolve e, de certo modo, ostenta, é fruto do conhecimento gerado por pesquisa básica, a qual desperta pouco interesse por parte das empresas, à medida que não apresenta, num primeiro momento, alguma aplicabilidade, gerando mais despesas que receitas. Posteriormente, as empresas em geral utilizam o resultado de tais trabalhos realizados por diversos biólogos brasileiros e estrangeiros, supostamente alienados. Enfim, incomodou-nos a maneira como muitas vezes foi tratada a pesquisa básica no debate.

Mais do que isso, as principais perguntas que nos fizemos foram: qual é o papel da universidade durante a nossa formação inicial e qual é o nosso papel como biólogos formados em uma universidade pública? Formar estudantes que depois irão trabalhar em uma grande empresa de transgênicos como a Monsanto que, para

Tsukamoto, representa o trabalho social?

É claro que a USP hoje apresenta extremas limitações em seu diálogo com a sociedade que a cerca e a financia, mas essa "alienação" não será corrigida por meio de estágios em grandes empresas privadas. É preciso que a universidade repense os rumos

Elementos em Debate:

- conselho regional
- prática empresarial
- consultoria ambiental
- prática docente
- pesquisa acadêmica



CRBIO - 1
Conselho Regional
de Biologia

"Tsukamoto classificou sua formação de biólogo como alienação"

"Professor João Morgante disse que não existem poetas na academia"

visamos para os cursos de biologia?

de suas atividades-fim (ensino, pesquisa e extensão) levando em conta seu caráter público. Hoje, infelizmente, diversos cursos pagos e MBA são considerados extensão na universidade; até bancas examinadoras são consideradas práticas extensionistas. Os reais projetos de extensão da universidade são poucos e não à toa a extensão é tida como o tripé manco da USP. Considerarmos problemáticas sociais que

poderíamos ajudar a resolver seria interessante tanto para a universidade começar a cumprir atividades-fim negligenciadas como também para o enriquecimento de nossa formação. Poderíamos aprofundar nosso conhecimento prático e despertar nossa atenção para fatos sociais que muitas vezes ignoramos. **Aprofundaríamos**, portanto, nossa formação de uma maneira crítica e responsável.

Nossa formação poderia estar institucionalmente vinculada a projetos educativos como o "Bio na Rua", a trabalhos de conservação de uma área ameaçada ou então a projetos que trabalhassem para a despoluição dos rios de nossa cidade. Em outras faculdades, como na UFRJ, os estudos de ecologia são associados também a projetos de agroecologia que buscam desenvolver práticas agrícolas diferenciadas do modelo típico da Revolução Verde baseados em agrotóxicos e melhoramentos genéticos que recorrentemente fracassam. Revistas de divulgação científica, como a Revista da Biologia, poderiam ser aprimoradas para que assuntos que para nós são tão óbvios possam também ser apropriados e discutidos pela população leiga. Enfim, colocamos aqui alguns pouquíssimos projetos potenciais na

universidade e que poderiam transformá-la em um ambiente mais dinâmico e próximo da população.

Se é óbvio que muitos de nós iremos trabalhar na iniciativa privada, isso não nos exime de termos critérios mínimos para que os princípios que nortearam nossa formação não sejam ao final das contas vendidos por um bom salário. Do contrário, um currículo um pouco

melhor ou um pouco pior não nos faria muita diferença. A imagem posta de que a universidade é uma virgem e a empresa é a adequação perfeita das demandas da sociedade nos parece extremamente equivocada. Precisamos discutir nossos currículos sempre visando uma formação inicial que nos dê a possibilidade de, a longo prazo, desenvolver pesquisas básicas e intervir de modo responsável sobre demandas e situações latentes à população. Para tanto, essa formação precisa ser ampla e crítica, nos dando a oportunidade de entrar em contato de maneira

minimamente aprofundada com todas as áreas de conhecimento da biologia. Acreditamos que a futura alteração curricular, motivada por recente resolução do Conselho Federal de Biologia (CFBio), poderá ser um momento interessante de discutir uma formação menos cartesiana, isto é, segmentada, e que leve em conta as diversas demandas que temos como futuros biólogos, seja na pesquisa acadêmica, seja nas empresas, seja como licenciado, seja em trabalhos sociais ou em qualquer outro meio de atuação.

"Hoje, infelizmente, diversos cursos pagos e MBA são considerados extensão na universidade; até bancas examinadoras são consideradas práticas extensionistas"



"A imagem posta de que a universidade é uma virgem e a empresa é a adequação perfeita das demandas da sociedade nos parece extremamente equivocada"

Adriano Senkevics (Dexter, 071)
Juliano Polidoro (Xuxu, 061)

Homofobia na universidade: Relato do caso

Atitudes como as que aconteceram na última sexta-feira impedem que eu me cale ou tenha medo de mostrar a realidade para todos os alunos da USP e demais pessoas que porventura leiam esse relato.

No dia 22 de outubro, eu, Henrique Andrade do terceiro ano de Biologia da USP, estava junto com meu namorado na festa "Outubro ou Nada" realizada pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) em um imóvel na Rua Itooró, 226 no Morumbi. Fomos junto com meus amigos de curso aproveitar essa festa, após uma prova. Estávamos cansados, e eu e meu namorado sentamos em um sofá em um dos cômodos da casa onde outras pessoas também descansavam. Conversávamos abraçados quando três caras se dirigiram até nós e começaram a nos xingar. Estavam visivelmente alcoolizados, e disseram inúmeros palavrões, gritaram para que saíssemos da festa pois estávamos manchando o lugar e usaram diversos adjetivos homofóbicos.

Enquanto apontavam os cigarros acesos em nossos rostos, como forma de intimidação, um deles jogou um copo cheio de bebida em nossas roupas. A partir desse momento as agressões morais somaram-se às agressões físicas: foram chutes e socos, enquanto meu namorado os empurrava tentando nos defender. Duas meninas que estavam no local chamaram um segurança, que para meu espanto ao chegar no local nada fez. Nitidamente compartilhando da visão homofóbica dos agressores, o segurança ficou olhando a briga enquanto eu gritava pedindo para que ele retirasse aqueles três caras do recinto. Nesse meio tempo, levei um tapa na cara na frente do segurança enquanto tentava dialogar com os indivíduos e um deles falou que eu e meu namorado estávamos marcados. A equipe de segurança só tomou uma atitude após a formação de um aglomerado indignado com a barbárie que estava acontecendo.

Os agressores homofóbicos foram contidos, mas não foram retirados da festa. Reencontrei com meus amigos de curso e contei a eles sobre a barbárie ocorrida. Indignados, entraram em contato com pessoas da ECA. O vice-presidente da Atlética da ECA foi muito

atencioso e pediu milhares de desculpas. Depois que ele conversou com os seguranças, a equipe responsável retirou os agressores. Eles relutaram em sair da festa, e continuaram com ameaças e xingamentos do lado de fora dos portões do casarão. Foi preciso escolta até um táxi para que pudéssemos sair da festa.

No sábado, dia 23, soube que mais tarde na festa o carro de uma menina foi depredado pelos mesmos três agressores. Eles chutaram e urinaram nas portas do carro dela, porque ela respondeu "sim" após eles perguntarem se ela tinha amigos gays.

Eu e meu namorado estamos bem fisicamente, mas a agressão moral ainda dói. Estamos tomando as providências cabíveis juntamente com o Centro Acadêmico (CA) da Biologia e a Defensoria Pública do Estado de São Paulo (existe a Lei Estadual 10.948/2001 de combate à discriminação homofóbica em São Paulo). Não quero punir ou me vingar de ninguém, só não acho que atitudes homofóbicas

"(...) não acho que atitudes homofóbicas como as ocorridas na festa pelos agressores e pelo segurança devam ser vistas como naturais pelas pessoas"

como as ocorridas na festa pelos agressores e pelo segurança devam ser vistas como naturais, relevadas pelas pessoas. Nunca imaginei que seria vítima de um tipo bárbaro de agressão como esse, e quero alertar e servir

como atitude precedente para os que sofrerem com situações semelhantes. Não vou me calar perante essa covardia.

Reforço a ajuda da Atlética da ECA na resolução dessa barbárie. Sei que tanto o CA quanto a Atlética da ECA não apóiam essa atitude homofóbica dos agressores e do segurança da festa. Infelizmente a equipe contratada não está preparada para lidar com a diversidade. Que eles não sejam chamados para outras festas na USP, ou que aprendam a tratar de forma não discriminatória os gays. E que a ECA se posicione formalmente sobre esse lamentável ocorrido.

Quero agradecer a todos os amigos pela preocupação que tiveram comigo e com meu namorado. Muito obrigado.

Não à homofobia!

"E se tudo isso que você acha nojento for exatamente o que chamam de amor?" Caio Fernando Abreu

Henrique Andrade (Distúrbio, 081)

Homofobia na universidade: Moção de Repúdio

O Centro Acadêmico de Biologia da USP (SPHN-CABIO) gostaria de publicizar o seu mais completo repúdio à agressão física e moral sofrida pelo estudante de nosso curso, Henrique Andrade, e pelo seu namorado Pedro Wang, durante a tradicional festa uspiana "Outubro ou Nada".

Henrique e Pedro foram abordados por três jovens porque estavam abraçados na festa. Foram agredidos verbalmente, ameaçados, convidados a saírem da festa e, por fim, agredidos fisicamente em meio a uma completa negligência da equipe de segurança da festa que só tomou a devida atitude de expulsar os agressores muito tempo após o ocorrido.

É extremamente penoso constatar que continuamos vivendo em uma sociedade repleta de preconceitos e intolerância. Em um momento como esse, é fundamental que a comunidade de estudantes, professores e funcionários da universidade, bem como suas entidades representativas, exponham suas posições, organizem debates e façam atos para repudiar a homofobia e defender uma sociedade tolerante que respeite a livre orientação sexual e identidade de gênero.

Apesar de contínuas conquistas do movimento LGBT no Brasil e em diversos outros países, a população LGBT ainda vive privada de diversos direitos civis e continua sendo agredida das mais diferentes maneiras dia após dia. Essa situação é constatada por diversas pesquisas realizadas no país.

Estudos do Grupo Gay da Bahia (GGB), por exemplo, apontam que nos últimos vinte anos 2403 LGBTs foram assassinados no Brasil vítimas de crimes de ódio, sendo 69% de gays, 29% de transgêneros e 2% de lésbicas. Trata-se de uma média de 1 assassinato a cada três dias.

Já a pesquisa Juventude e Sexualidade, publicada pela UNESCO em 2004 e que entrevistou 16422 alunos e alunas de 241 escolas brasileiras, revelou que 27% deles não gostariam de ter homossexuais como colegas de classe. Ademais, 15% dos alunos e alunas consideravam a homossexualidade como doença. Ainda, quando seis ações violentas eram apresentadas aos entrevistados - a

saber "atirar em alguém", "estuprar", "bater em homossexuais", "usar drogas", "roubar" e "andar armado" -, a alternativa "bater em homossexuais" foi a ação considerada menos violenta pelos alunos (36,1%).

Por fim, pesquisa recente, realizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA) em parceria com a instituição alemã Rosa Luxemburg Stiftung aponta que 52% da população considera que casais homoafetivos não deveriam "andar abraçados ou ficarem se beijando em lugares públicos" e apenas 20% discordam totalmente de tal assertiva.

Esse breve resumo dos dados de tais pesquisas consegue retratar como a homofobia é infelizmente ainda alimentada por ampla parcela de nossa população. Piadas, apelidos, gestos, desprezo, afastamento, agressões físicas e assassinatos são expressões de violência recorrentes contra a população LGBT. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais sofrem um processo complexo e perverso de inferiorização e de ameaça ao direito fundamental à vida. Sua invisibilidade é cobrada insistentemente sob pena de violência "justificada".

Além disso, as agressões físicas e morais implicam também na maioria das vezes em um processo de auto-disciplinamento dos próprios desejos por parte da população LGBT. As conseqüências são muitas vezes depressão, sentimentos de culpa, medo, confusão, insegurança, entre outros.

Estamos problematizando portanto um processo de agressão direta e indireta que nega a nossos amigos, familiares, colegas de trabalho e outros o livre direito à identidade de gênero e a expressão de seus desejos afetivos e sexuais. Será mesmo essa sociedade que queremos? Será mesmo que em 2010 possamos alimentar idéias e sentimentos tão retrógrados? Não aceitaremos calados o que aconteceu. Convidamos tod@s que lerem essa carta a contribuírem para que eventos como esse não mais aconteçam.

Não à homofobia! Pela criminalização da homofobia no Brasil!

SPHN-CABIO
Gestão "Velha Roupas Coloridas" 2009/2010

Espaço Nosso: Ciclofaixas na USP

Carta aberta ao Magnífico Reitor

São Paulo 11 de Fevereiro de 2010

Freqüente o campus do Butantã há cinco décadas e durante todo este tempo venho clamando em vão para um aumento na segurança viária e para a implantação de ciclovias e/ou ciclofaixas. Por várias vezes escapei por pouco de ser atropelado. Espero que se isto acontecer meu nome seja colocado em uma das ruas do campus, como símbolo de minha luta.

Cada vez que muda a administração da USP vejo acender uma luzinha de esperança, e vem a pergunta: será desta vez?

Humanizando o trânsito no campus

A USP é uma ilha na metrópole. Ela foi até murada, mas não virou uma ilha "do bem". Todas as mazelas da cidade extra-muros se repetem aqui. Uma delas é o trânsito. Além do trânsito de passagem, em certos períodos do dia, o próprio trânsito local, com um sistema viário anacrônico, porque privilegia o automóvel e a velocidade, é irracional e perigoso. Irracional porque é preciso dar grandes voltas para se

ir de um local a outro. Por exemplo, para se ir de carro do setor de bancos para a FAU, ou IO, distantes apenas algumas dezenas de metros é preciso dirigir por cerca de 1 km. Perigoso porque existem vias onde a velocidade permitida é de 60 km/h (a velocidade praticada é muito maior).

Com uma diminuição da velocidade seria possível, sem risco à segurança, diminuir sensivelmente os trajetos de um ponto a outro com economia de tempo, combustível e emissão de particulados e gases de C e S. Com a implantação de faixas para circulação de bicicletas estas teriam mais segurança, aumentariam em

número com todos os benefícios para a saúde das pessoas (mais exercício, menor poluição química e sonora) e do planeta, e diminuiriam os problemas de estacionamento. Além disto evitaria os problemas com os ciclistas que usam o campus para treinamento – eles teriam que se restringir às faixas para bicicletas.

O número de veículos aumenta ano a ano e os problemas de estacionamento tenderão a se agravar – de que adianta ter avenidas largas se os carros estacionam dos dois lados?

O transporte de pessoas por bicicletas é a modernidade a solução mais racional – vide o exemplo de cidades como Copenhagen, Paris e tantas outras. Basta dar um pouco mais de segurança e o campus passará a ser um exemplo para a metrópole.

Creio que após um programa de educação, com o engajamento de todos os frequentadores do campus, mais o jornal, a rádio, os grêmios estudantis, etc., seria possível ir aos poucos transformando o campus em um experimento viário que se constituiria em um exemplo para a cidade. Esta gestão da USP não pode desperdiçar esta oportunidade de transformar o campus num verdadeiro oásis de civilidade e cidadania dentro da metrópole.



Ghost-Bike instalada na Av. Paulista, em memória à Márcia Regina, 40. Cicloativista experiente, se desequilibrou, caiu no asfalto e foi atropelada por um ônibus em janeiro de 2009.

ATENÇÃO: VOCÊ ESTÁ ENTRANDO NO CAMPUS DA USP. DIRIJA COM CUIDADO. RESPEITE OS PEDESTRES E CICLISTAS. DESFRUTE DESTA ILHA DE PAZ E SILÊNCIO. RESPIRE UM AR MAIS PURO.

Eurico Cabral de Oliveira, IB.
3091 7630 – euricodo@usp.br

Texto sugerido por
Tauana Junqueira (Mei, 07N)

Espaço Nosso: Fotografia

w



Reprodução
não Autorizada

No alto, Praia em Riviera
À direita, orvalho em Campos
de Jordão
Fotos de Christie Sototuka
(Obs, 10I)



Reprodução
não Autorizada

Espaço Nosso: Arte na Bio

A Flor e a náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,
Vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me"? Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse. Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase. Vomitar esse
tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema

resolvido, sequer colocado.

Nenhuma carta escrita nem recebida.

Todos os homens voltam para casa.

Estão menos livres mas levam jornais

e soletram o mundo, sabendo que o perdem. Crimes da terra, como perdoá-los?

Tomei parte em muitos, outros escondi.

Alguns achei belos, foram publicados.

Crimes suaves, que ajudam a viver.

Ração diária de erro, distribuída em casa.

Os ferozes padeiros do mal.

Os ferozes leiteiros do mal. Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.

Ao menino de 1918 chamavam anarquista.

Porém meu ódio é o melhor de mim.

Com ele me salvo

e dou a poucos uma esperança mínima. Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralitem os negócios, garanto que uma flor nasceu. Sua cor não se

percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor. Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde

e lentamente passo a mão nessa forma insegura.

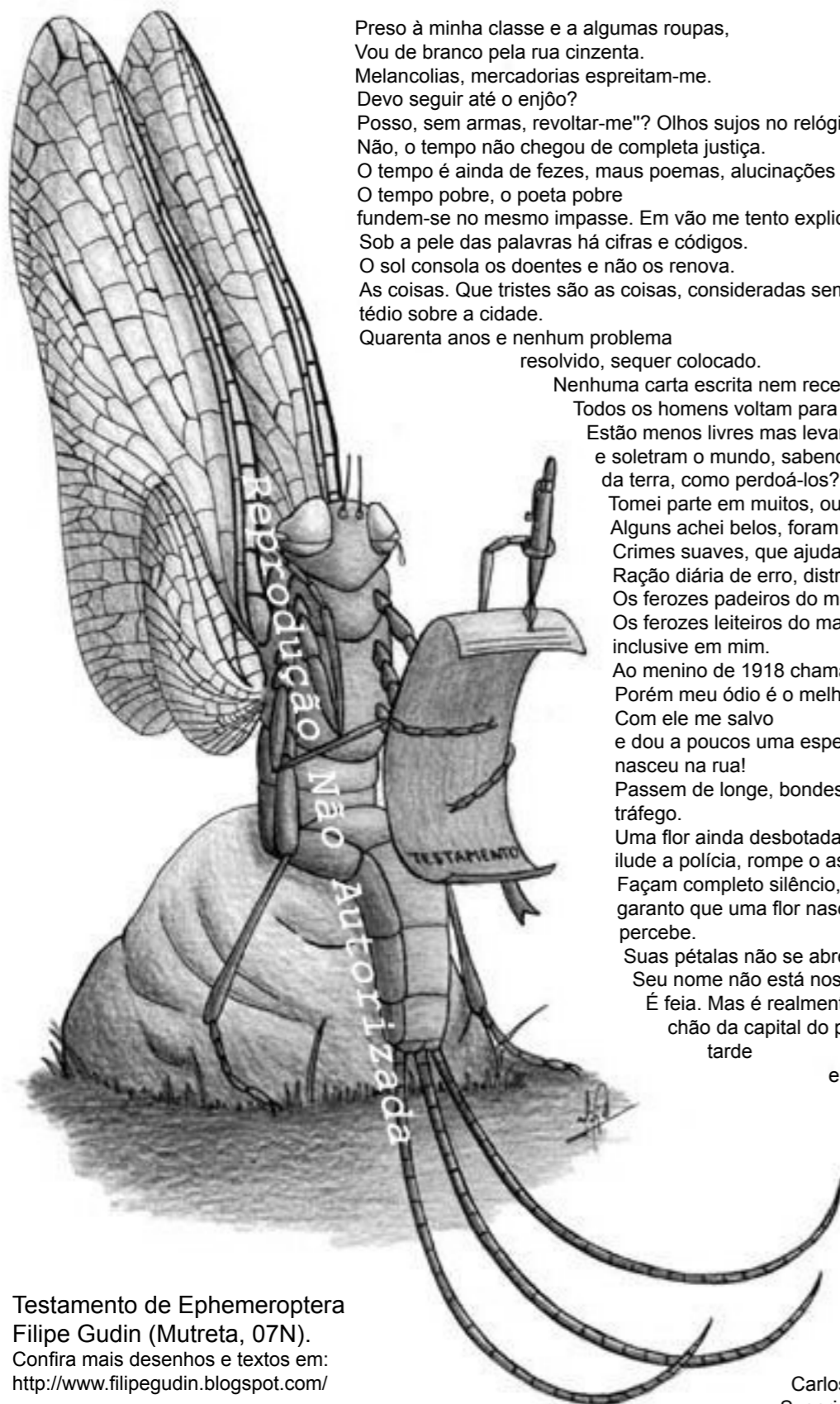
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor.

Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade
Sugerido por Juliano (Xuxu, 061)



Testamento de Ephemeroptera
Filipe Gudín (Mutreta, 07N).
Confira mais desenhos e textos em:
<http://www.filipegudin.blogspot.com/>

Espaço Nosso: A evolução descartou Deus?

Antes de começar a estudar biologia eu possuía uma visão bem preconceituosa sobre a evolução e suas implicações, principalmente pelas minhas convicções e educação cristã. Porém, ao começar a estudar e, principalmente, observar a grande diversidade de seres vivos com suas diferentes complexidades e adaptações, pude perceber, aceitar e admirar a beleza que a evolução traz.

Sim, quero deixar claro que a evolução na natureza existe! Para alguns, cuja noção de diversidade de espécies se limita a raças de cachorros, gatos, samambaia da vó e a alguma outra coisa que se vê no Animal Planet, pode ser que a evolução seja algo impossível ou muito improvável. Mas gostaria que você abrisse um pouco a sua mente e se desarmasse, pelo menos por enquanto, de qualquer preconceito a respeito desse assunto.

Apesar de não ser algo mensurável ou sensível (no sentido físico da palavra), a evolução pode ser contemplada de forma extremamente ampla, pela seleção natural, pela ação dos genes ou pela análise de fósseis. Tais processos eu não vou focar neste texto, pois seria necessário sintetizar um grande volume de informação para poder exemplificar isso claramente. Contudo, o que eu quero focar aqui é a pergunta do título.

Quando aprendi todos esses conceitos, me deparei com essa questão. Afinal, a ciência diz coisas que não são condizentes com o relato da criação do Gênesis. No entanto, gostaria que você refletisse um pouco. De que tamanho é o Deus bíblico? Você pode dizer: "sei lá, como posso saber?" ou até ter uma resposta pronta como "ele é infinito". Bom, se eu estou falando do Deus bíblico, é meio óbvio que a bíblia deve dizer um pouco sobre como ele é. E ela diz! Diz que Deus é um ser poderoso, que é o criador de todo o universo e que não está sujeito ao tempo (ou seja, ele existe desde a eternidade). Considerando isso, será que obrigatoriamente Deus tem que ter criado o universo em seis dias? Por acaso, Deus está sujeito ao tempo ou ele é o criador do tempo? Se Deus é poderoso, ele não poderia utilizar a evolução como ferramenta

deste processo de criação?

Calma, antes que você diga algo, eu sei que a evolução não segue propósitos ou é direcionada, mas isso não quer dizer que ela seja o único processo que interfere na origem e diversificação das espécies. Ela simplesmente é o único fenômeno que conseguimos entender até o momento. Mas, o ponto em que eu quero chegar é: o fato de termos percebido que a evolução existe, não torna a existência de Deus menos provável. Pelo contrário, se o Deus a quem me refiro possui (e ele possui!) aquelas características já mencionadas, então a evolução e todas as suas implicações também são produtos de sua criação. Se eu estou falando de um Deus complexo (e ele é!), não é de se admirar que suas criaturas também o sejam e que o seu processo criativo também seja.

Portanto, não parece ser sensato tanto interpretar o Gênesis de forma literal quanto refutar a existência desse Deus. Se o Deus a quem você se refere está limitado pelo seu próprio pensamento (como, por exemplo, "ele TEM que ter criado o mundo em SEIS dias, de tal e tal forma..."), então, ao observar os argumentos e as descobertas científicas, você facilmente irá refutá-lo. Agora, se você compreende Deus como um ser complexo,

soberano e com vontade própria, você percebe que esses fatos, argumentos e discussões tendem somente a te conceder uma compreensão maior desse Deus, e, conseqüentemente, da natureza e seus fenômenos.

Dessa forma, tenho conseguido aprender melhor tanto a ciência quanto o Deus a quem eu sirvo. Isso tem me dado uma base cada vez mais sólida para poder questionar as coisas; pois, seja qual for a resposta, eu sei que não vou ficar sem chão. Eu não tenho todas as respostas e a compreensão que tenho adquirido sobre Deus e a biologia se resume a pequenos vislumbres de algo muito maior. Contudo, o bom é saber que eu ainda não parei de viver e que posso buscar isso cada vez mais.

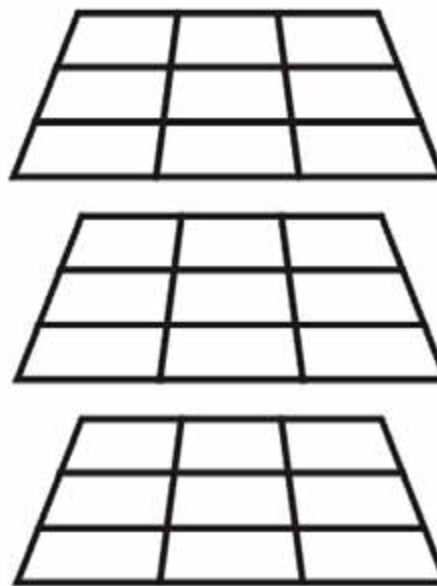
Filipe Gudín (Mutreta, 07N)
<http://www.filipegudin.blogspot.com/>

Momento Lúdico

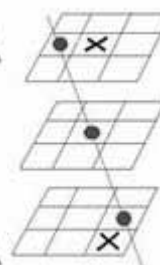
Sudoku - Gabarito afixado no CA

	8		4	5		
		9				7
			6	1		
	7		5		9	
3		1				
2		8	3	9		5
9				8		
		6	5		8	3
		6				4

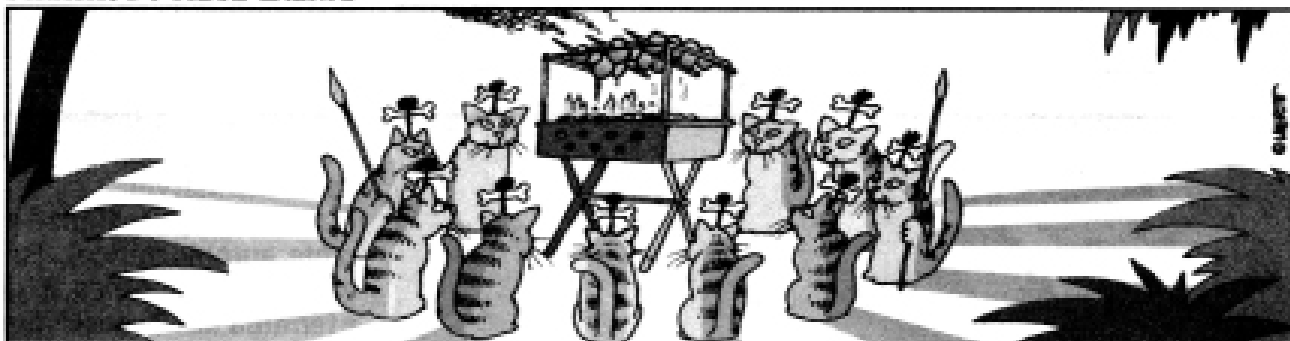
Jogo da Velha 3D



Complete três figuras no mesmo tabuleiro ou entre tabuleiros, conforme o exemplo abaixo:



PIRATAS DO TIETÊ LAERTE



Bastidores

- Fechamento desta edição: 3 de Novembro de 2010 - Tiragem de 300 exemplares

Editores: Juliano (Xuxu), Adriano (Dexter), Jorge (Sucrilhos), Kyoshi (Peralta), Fernando (Gari)

“O RNAm é uma publicação dos estudantes de biologia, com apoio do Centro Acadêmico de Biologia – SPHNCABio-USP e os textos publicados são de responsabilidade de seus autores.”

Contato com CA e envio de textos: sphncabio@gmail.com, **Twitter:** @cabio_usp

Reuniões ordinárias do CA: todas as quartas-feiras, a partir das 18h. **Aberta a todos, participe!**

Diretores do CA: Xuxu (06I), Piuí (06N), Jorge (08I), Bala (08I), Marx (08I), Chopin (08I), Cirrose (09I), Dec (09I), Peralta (09I), Rapidinha (09I), Clemente (09N), Raica (09N), 120 (09N), Purpa (09N), Vibe (09I)

Lista de Representantes Discentes:

RDs dos Conselhos dos Departamentos:

- Ecologia: She (06I), Yuna (08I);
- Zoologia: Sucrilhos (08I);
- Botânica: P.O. e Interpraize (07I)
- Genética: Dodô (06I), Vibe (09I);
- Fisiologia: Maria Nathalia (pós).

RDs das Comissões:

- de Graduação: Dexter (07I) e Marx (08I)
- Organizadora do Curso: Exu (08N);

- da Biblioteca: Dino (09I);
- Cultura e Extensão: Bala e Satie (08I);
- de Gerenciamento do CD: Dexter (07I) e Tina (08N);
- da Reserva da CUASO (Matinha): Yoshi (07I) e Samara (07N);
- do Conselho Técnico-Administrativo (CTA): Xu (06I) e Chopin (08I);
- de Pesquisa: Emerson Martins (pós);

-da Pós-Graduação: Gustavo Fernandes (pós).

RDs da Comissão Coordenadora de Programas de Pós-Graduação (CCP):

- Fisiologia: Marco Lapa e Aline Gomes;
- Zoologia: Agustin Camacho e Sérgio Stampar;
- Botânica: Gustavo Ferreira e Jenifer Lopes;
- Genética: Lillian Kimura e

Marilena Peixoto;
-Ecologia: Evelyn Godoi e Marecel Vaz.

RDs da Congregação:

- 1ª Cadeira da graduação: Xu (06I);
- 2ª Cadeira da graduação: Chopin (08I);
- Cadeira da pós: Diogo Melo (Diogro).